

## REVISÃO NARRATIVA E PESQUISA EM BASE DE DADOS: A COMPREENSÃO DAS CULTURAS INFANTIS EM UM PARQUINHO

NARRATIVE REVIEW AND DATABASE RESEARCH: UNDERSTANDING CHILDREN'S  
CULTURES IN A PLAYGROUND

REVISIÓN NARRATIVA E INVESTIGACIÓN EN BASE DE DATOS: ENTENDIENDO LAS  
CULTURAS INFANTILES EN UN PARQUE DE JUEGOS

Lucimara Gomes Oliveira de Morais <sup>1</sup>  
Angélica Aparecida Ferreira da Silva <sup>2</sup>  
Francisca Rayllyne Rodrigues Cardoso <sup>3</sup>  
Ingrid Dittrich Wiggers <sup>4</sup>

**Manuscrito recebido em:** 28 de fevereiro de 2023.

**Aprovado em:** 31 de dezembro de 2023.

**Publicado em:** 23 de abril de 2024.

### Resumo

Este trabalho insere-se nos estudos sobre a infância e tem por objetivo apresentar o percurso de construção da fundamentação teórica e metodológica pautado pela revisão narrativa de literatura e pesquisa em base de dados. A metodologia utilizada ancora-se na busca em base de dados para localizar estudos sobre a escuta de crianças em parquinhos, na construção de critérios de seleção dos artigos e na análise do aporte teórico e metodológico de cada estudo, seguida da complementação da revisão narrativa de literatura. O processo de discussão abrange o detalhamento acerca da escolha de artigos, metodologia de leitura e elaboração dos critérios de exclusão, bem como o enriquecimento do aporte teórico por meio da revisão narrativa de literatura. Como resultado aponta-se a necessidade de complementaridade entre métodos de revisão de literatura. Os achados apontam para as potencialidades e limitações das revisões narrativas de literatura e das pautadas em dados bibliométricos. Indica-se que o desenvolvimento da tecnologia condiciona as atividades de pesquisa, mas não as determina. Por fim, como resultado, registra-se que os estudos sobre as crianças em parquinhos dependem de diálogos transdisciplinares e apontam para o parquinho como um lugar de compensação para as crianças

---

<sup>1</sup> Doutora em Educação pela Universidade de Brasília. Professora na Universidade de Brasília e no Instituto de Educação Superior. Integrante do Imagem - Grupo de Pesquisa sobre Infância, Corpo e Educação.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8165-8888> Contato: [lucimara\\_morais@hotmail.com](mailto:lucimara_morais@hotmail.com)

<sup>2</sup> Doutoranda e Mestra em Educação pela Universidade de Brasília. Professora na Rede Estadual de Educação do Distrito Federal. Integrante do Imagem – Grupo de pesquisa sobre Infância, Corpo e Educação.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8321-5303> Contato: [angelic.sil@gmail.com](mailto:angelic.sil@gmail.com)

<sup>3</sup> Mestra em Educação Física pela Universidade de Brasília. Professora na Rede Estadual de Educação do Distrito Federal.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7244-6541> Contato: [fran.rayllyne@gmail.com](mailto:fran.rayllyne@gmail.com)

<sup>4</sup> Doutora em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina. Professora no Programa de Pós-Graduação em Educação Física e no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Brasília. Líder do Imagem - Grupo de Pesquisa sobre Infância, Corpo e Educação

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5412-7021> Contato: [ingridwiggers@gmail.com](mailto:ingridwiggers@gmail.com)

brincarem em contextos urbanos. Desta forma, a entrada de pesquisadores em parquinhos pode favorecer o avanço de pesquisas científicas que buscam compreender as culturas infantis, pois as crianças se expressam por meio de múltiplas linguagens, dentre elas, a brincadeira.

**Palavras-chave:** Infância; Crianças; Transdisciplinaridade; Brincadeiras; Aspectos culturais.

## Abstract

This work is part of studies on childhood and aims to present the course of construction of the theoretical and methodological foundation guided by the narrative review of literature and database research. The methodology used is anchored in the database search to locate studies on listening to children in playgrounds, in the construction of selection criteria for articles, and in the analysis of the theoretical and methodological contribution of each study, followed by the complement of the narrative review of literature. The discussion process encompasses the details about the choice of articles, reading methodology, and elaboration of exclusion criteria, as well as the enrichment of the theoretical contribution through the narrative literature review. As a result, the need for complementarity between literature review methods is pointed out. The findings point to the strengths and limitations of narrative reviews of the literature and those based on bibliometric data. It is indicated that technology development conditions research activities but does not determine them. Finally, as a result, it is noted that studies on children in playgrounds depend on transdisciplinary dialogues and point to the playground as a place of compensation for children to play in urban contexts. In this way, the entry of researchers into playgrounds can favor the advancement of scientific research that seeks to understand children's cultures, as children express themselves through multiple languages, including play.

**Keywords:** Childhood; Children; Transdisciplinarity; Games; Cultural aspects.

## Resumen

Este trabajo forma parte de los estudios sobre la infancia y tiene como objetivo presentar el curso de construcción de la fundamentación teórico-metodológica a partir de la revisión narrativa de la literatura y la investigación en bases de datos. La metodología utilizada está anclada en la búsqueda de bases de datos para localizar estudios sobre la escucha de niños en los parques infantiles, en la construcción de criterios de selección de artículos y en el análisis del aporte teórico y metodológico de cada estudio, seguido de la complementación de la revisión narrativa de la literatura. El proceso de discusión abarca detalles sobre la elección de artículos, la metodología de lectura y la elaboración de criterios de exclusión, así como el enriquecimiento del aporte teórico a través de la revisión narrativa de la literatura. Como resultado se señala la necesidad de complementariedad entre los métodos de revisión de la literatura. Los hallazgos apuntan a las fortalezas y limitaciones de las revisiones narrativas de la literatura y aquellas basadas en datos bibliométricos. Finalmente, como resultado, se observa que los estudios sobre niños en patios de recreo dependen de diálogos transdisciplinarios y apuntan al patio de juegos como un lugar de compensación para que los niños jueguen en contextos urbanos. De esta manera, la entrada de investigadores a los patios de recreo puede favorecer el avance de la investigación científica que busca comprender las culturas infantiles, ya que los niños se expresan a través de múltiples lenguajes, incluido el juego.

**Palabras clave:** Infancia; Niños; Transdisciplinariedad; Juegos; Aspectos culturales.

## Introdução

O objetivo deste trabalho consiste em apresentar o percurso de construção da fundamentação teórica e metodológica pautado pela revisão narrativa de literatura e pesquisa em base de dados, no contexto dos estudos sobre as infâncias em parquinhos em estudo desenvolvido por Moraes (2023), uma das autoras deste artigo. A relevância das pesquisas com crianças se fortaleceu no cenário internacional com a Convenção dos Direitos da Criança (CDC), da Organização das Nações Unidas (ONU, 1989). Nesse contexto, pesquisadores das temáticas da infância envidaram esforços para uma mudança paradigmática, a saber, a mudança da compreensão sobre o papel das crianças nas pesquisas acadêmicas. A pesquisa **sobre** as crianças enfraqueceu-se e o novo paradigma aponta para a pesquisa desenvolvida **com** as crianças, estas consideradas como sujeitos históricos, produtores de cultura e localizados geograficamente (Alderson, 2005; Corsaro, 2005, 2009, 2011; Farias, 2019; Francischini, 2020; Friedmann, 2020, 2022; Graue; Wash, 2003; Lopes; Fernandes, 2021; Martinelli Ferreira, 2020; Muñoz, 2006, Sarmiento, 2003; Sousa, 2020; Tebet; Abromowicz, 2014; Tebet; Costa, 2021; Trevisan, 2020; Voltarelli, 2021; Wiggers, 2003).

A mudança na compreensão sobre o papel das crianças nas pesquisas acadêmicas pode ser ilustrada no artigo 12 da CDC (ONU, 1989) que assegura que as crianças têm direito de serem ouvidas em todos os processos que lhe dizem respeito. As construções teóricas e metodológicas sobre a escuta das crianças ainda se apresentam como desafios para pesquisadores, pois as crianças têm formas peculiares de expressar suas vozes, o que requer do pesquisador conhecimento teórico sobre multimétodos, sensibilidade e criatividade. Dessa maneira, as investigações com as crianças tendem a ser contextuais (Arnott; Wall, 2022; Conte; Cardoso, 2022; Friedmann, 2020, 2022; Gobbi, 2010; Moraes, 2023; Müller; Freitas; Wiggers, 2015; Staccioli; Rischer, 2017).

Para Corsaro (2011, p. 16), as crianças elaboram cultura por meio de um fenômeno denominado “cultura de pares”. Essas construções culturais acontecem quando as crianças interpretam, de forma conjunta, regras, valores e normas da sociedade, tecendo uma “reprodução interpretativa” (Corsaro, 2011, p. 10). Nesse contexto, as instituições sociais como escola, igreja, parques, museus etc. formam o que Corsaro (2011, p. 38) identifica como “teia global”.

A infância pode ser considerada como uma categoria permanente na sociedade, pois as histórias vividas pelas crianças permanecem como memórias nos adultos e a permanência da infância como estrutura social torna-se evidente na estrutura social (Qvortrup, 1991 *apud* Corsaro, 2011, p. 43). Assim, a infância pode ser comparada a uma estrada em que vivem as crianças, grupo geracional subordinado aos adultos.

No que diz respeito ao acesso dos pesquisadores aos contextos em que as crianças vivem, há espaços com maior abertura às pesquisas e outros que manifestam maior dificuldades em abrigar um investigador científico. As instituições religiosas integram essa estrutura sociológica denominada “Teia Global” e inserem-se como um campo de difícil acesso, visto que, para entrar no campo, o pesquisador precisa da anuência do líder religioso, das famílias e das crianças. As igrejas abrigam “grupos de crianças acerca dos quais a sociedade pouco conhece, necessitando, por isso de aprofundar esse conhecimento” (Graue; Walsh, 2003, p. 122). Nesse particular Bastos (2020) considera que nas pesquisas com crianças o pesquisador precisa ter uma postura investigativa que considere suas múltiplas infâncias e deve buscar entender os mundos das crianças, considerando todos os lugares onde estabelecem relações.

A escolha do local de escuta das crianças torna-se relevante, pois para ouvir as expressões das crianças é preciso estar no lugar com elas. A esse respeito, Corsaro (2005, 2011) desenvolve a escuta das crianças em parquinhos, compreendidos como o lugar apropriado para efetivar essa aproximação com as crianças.

Nesse contexto, a pergunta norteadora da revisão de literatura constitui-se da seguinte forma: como as crianças podem ser ouvidas em pesquisas acadêmicas? Para responder a esse questionamento, o artigo se estrutura em cinco seções: (i) Revisão Narrativa de Literatura, que versa sobre essa forma lenta e gradual de construção de aporte teórico e metodológico, vinculada à trajetória de cada pesquisador; (ii) Mapeamento das pesquisas sobre o parquinho como um lugar da(s) infância(s) em contextos urbanos, que registra o percurso de busca em base de dados, com operadores booleanos e identificação dos aportes teóricos e metodológicos; (iii) As vozes das crianças nos parquinhos: um olhar interdisciplinar que apresenta o aporte teórico e metodológico de cada estudo selecionado para compor a revisão de literatura; (iv) Reflexões transdisciplinares nas análises dos aportes teóricos e metodológicos dos artigos

selecionados que trazem um diálogo entre o Manifesto da Transdisciplinaridade e os estudos sobre as infâncias e (v) considerações finais.

## Revisão Narrativa de Literatura

A formação de um pesquisador da área educacional ocorre de forma processual. Bortoni-Ricardo (2008, p. 46) reflete sobre esse movimento de pesquisa entre os docentes: “O professor pesquisador não se vê apenas como um usuário do conhecimento produzido por outros pesquisadores, mas se propõe também a produzir conhecimentos sobre os seus problemas profissionais, de modo a melhorar a sua prática”. Nesse contexto, as vivências como docente podem ser o início do processo formativo de um pesquisador da área educacional. A prática docente exige leituras, discussões, apresentações, seminários e participações em grupos de estudo e pesquisas, tanto na formação inicial como nas diferentes práticas de formação continuada. Essas atividades intelectuais e colegiadas conferem uma herança cultural que contribui para a construção de aporte teórico e metodológico consubstanciado em uma revisão narrativa de literatura (Biblioteca Prof. Paulo de Carvalho Mattos, 2005; Rother, 2007).

Com base nessa compreensão longitudinal da formação do pesquisador, ao criar estratégia para responder à pergunta norteadora, a saber: como as crianças podem ser ouvidas em pesquisas acadêmicas? Decidiu-se em apontar o parquinho como um lugar apropriado para a escuta das crianças. Nesse contexto, procedeu-se com a etapa do levantamento de dados, essencial para a discussão neste artigo. Compreendido como a primeira etapa de um mapeamento apresenta-se

o Levantamento Bibliográfico, que tem por finalidade levantar todas as referências encontradas sobre um determinado tema [...]. Essas referências podem estar em qualquer formato, ou seja, livros, sites, revistas, vídeo, enfim, tudo que possa contribuir para um primeiro contato com o objeto de estudo investigado. Observa-se que não existe nessa opção um critério detalhado e específico para a seleção da fonte material, basta tratar-se do tema investigado (Biblioteca Prof. Paulo de Carvalho Mattos, 2005, p. 3).

Posteriormente, optou-se por iniciar uma revisão narrativa de literatura, pois a construção do aporte teórico sobre o campo dos estudos da infância aponta a escuta das crianças como uma tarefa complexa. Para Vosgerau, Sant'anna e Paulin (2014, p. 170), a revisão de literatura narrativa pode permitir o estabelecimento de relações com “estudos anteriores identificando temáticas recorrentes, apontando novas perspectivas, consolidando uma área de conhecimento e constituindo-se orientações de práticas pedagógicas”. Uma outra forma de proceder uma revisão de literatura pauta-se pelo desenvolvimento da área de bibliometria, que se ancora em práticas de mensurações quantitativas, com o uso de modelos vetoriais, operadores *booleanos*, linguagem de processamento “com o objetivo de melhorar a eficiência” (Vosgerau; Sant'Anna; Paulin, 2014, p. 173). Teixeira e Ferreira (2019) consideram que a revisão de literatura possibilita a análise do perfil metodológico de publicações que investigam uma determinada temática e podem disponibilizar um resumo das evidências relacionadas a uma estratégia de intervenção específica, mediante a aplicação de métodos explícitos e sistematizados de busca visando uma apreciação crítica e produzindo uma síntese das informações selecionadas.

Nesse sentido, ressalta-se o contexto de desenvolvimento tecnológico que apresenta inovações importantes que incidem também no fazer dos pesquisadores, por meio de algoritmos sofisticados, nem sempre de linguagem compreensível a todos que trabalham com as plataformas de dados e que apontam para buscas pautadas por estratégias condicionadas pelas técnicas, com palavras-chave (tesauros) e operadores *booleanos*.

Mesmo reconhecendo a grande contribuição da tecnologia às pesquisas, há limitações evidentes em depender apenas das plataformas de dados para construir o aporte teórico de uma pesquisa. A compreensão da linguagem dos algoritmos que orientam as buscas nas plataformas e a omissão de textos clássicos do campo de estudos desvelam essas limitações. O conhecimento científico se configura com rigor e clareza metodológica (Gamboa, 2007; Gil, 2022; Gonçalves, 2003; Trivinõs, 1987). As pesquisas de orientação qualitativa se diferenciam das pesquisas quantitativas em alguns aspectos, entre eles está a base de interpretação pautada na quantificação matemática da realidade pesquisada, no caso das pesquisas quantitativas. Para Gil (2022, p. 32), na pesquisa de



orientação qualitativa, busca-se “mediante um processo não matemático de interpretação, descobrir conceitos e relações entre os dados e organizá-los em um esquema explicativo”. Assim, ao desenvolver uma metodologia de construção de revisão de literatura pautada em modelos matemáticos, espera-se que as fórmulas utilizadas estejam claras, compreensíveis e descritas no percurso metodológico.

Desta forma, as pesquisas de orientação qualitativa precisam registrar com detalhes as escolhas metodológicas realizadas, entre elas, as relacionadas à revisão da literatura. No entanto seria adequado inserir e descrever em uma pesquisa de orientação qualitativa os algoritmos usados nas buscas dos portais que abrigam as bases de dados? Gatti e André (2019, p. 33), ao registrarem o percurso da pesquisa qualitativa no Brasil a partir dos anos de 1980, apontam o contexto de crítica às abordagens “quantitativistas e economicistas, implementadas de modo reducionista” apoiadas apenas no caráter numérico das pesquisas. Nesse sentido, ao retomar o questionamento elaborado nas pesquisas de orientação qualitativa, os algoritmos de busca poderiam ser abertos e descritos com linguagem adequada para atender ao rigor e clareza próprios do fazer dos pesquisadores acadêmicos (Gil, 2022).

A outra limitação de uma revisão de literatura pautada apenas em pesquisa em base de dados aponta para a omissão de obras fundantes dos campos, pois, dependendo da estratégia de busca elaborada e empregada e do micro tempo de resposta entre a inserção da sentença de busca e a resposta das plataformas, trabalhos relevantes podem ficar ocultos. Por todas essas condicionalidades da tecnologia, buscou-se mapear estudos anteriores por meio da leitura de autores e periódicos que se constituem como referência no campo de estudos sobre as infâncias. As indicações foram estabelecidas a partir de seminários, atividades de grupos de pesquisa e leituras das disciplinas de pós-graduação. Essas leituras indicaram novos textos que foram construindo o aporte teórico e metodológico pautado pela revisão de literatura narrativa, que

não utiliza critérios explícitos e sistemáticos para a busca e análise crítica da literatura. A busca pelos estudos não precisa esgotar as fontes de informações. Não aplica estratégias de busca sofisticadas e exaustivas. A seleção dos estudos e a interpretação das informações podem estar sujeitas à subjetividade dos autores. É adequada para a fundamentação teórica de artigos, dissertações, teses, trabalhos de conclusão de cursos (Biblioteca Prof. Paulo de Carvalho Mattos, 2005, p. 3).

A revisão narrativa de literatura sobre a escuta das crianças ancorou-se na compreensão de que o campo científico dos estudos interdisciplinares sobre as infâncias tem sido constituído pelo esforço de pesquisadores com base nos saberes fundamentados em diversas disciplinas. A natureza complexa desse objeto também incide sobre a questão metodológica, pois escutar as crianças em seus cotidianos ergue-se como um desafio que demanda reflexões teóricas e imersão dos pesquisadores em contextos de convívio com as crianças (Arnott; Wall, 2022; Friedmann, 2020, 2022; Lopes, 2018; Müller; Freitas; Wiggers, 2015; Staccioli; Ritscher, 2017; Voltarelli; Barbosa, 2021).

Alderson (2005) reflete sobre a participação das crianças em pesquisas acadêmicas ao realizar uma revisão sistemática de literatura internacional. A autora afirma que a CDC da ONU, de 1989, “vincula os direitos de ingressar na vida cultural ao direito de brincar” (artigo 31) e realça que “métodos lúdicos podem melhorar a imaginação de pesquisa das crianças” (Alderson, 2005, p. 433). Arnott e Wall (2022), Corsaro (2011), Farias (2019), Fochi (2019), Friedmann (2020, 2022), Leite (2021), Martinelli Ferreira (2020), Sarmiento, Fernandes e Siqueira (2020), Staccioli e Ritscher (2017) e Wiggers (2003) apresentam, em seus trabalhos, a defesa da escuta das crianças em pesquisas acadêmicas como fundamento político, teórico e metodológico. Os autores supracitados compõem o referencial teórico e metodológico construído por meio da revisão narrativa de literatura.

As estratégias de buscas de estudos no momento da revisão de literatura se constituem em etapa relevante da pesquisa e desvelam ao mesmo tempo o rigor do pesquisador e sua capacidade criativa, bem como sua sensibilidade intelectual diante do desafio de compreender seu objeto, pois “a criatividade é um poderoso elemento do processo de pesquisa, que está posto desde o seu início e que não pode ser definido *a priori*, pois está na dependência do processo de investigação” (Gonçalves, 2003, p. 63).

Assim, a metodologia de revisão de literatura adotada não tem vínculo determinado pelo desenvolvimento tecnológico e pelo rigor dos algoritmos das plataformas de base de dados, mas abre-se para a localização de estudos significativos tecidos por pesquisadores e pesquisadoras que contam com aporte teórico e metodológico que dialogam com o contexto de produção cultural das crianças nos parquinhos.



No entanto, ao reconhecer o valor da tecnologia como ampliadora das comunicações entre pesquisadores que “poderia levar a uma partilha de conhecimentos entre todos os humanos, prelúdio de uma riqueza planetária compartilhada” (Nicolescu, 1999, p. 1), a revisão narrativa de literatura foi incrementada com a busca na plataforma de dados, o que será detalhado na próxima seção.

## **Mapeamento das pesquisas sobre o parquinho como um lugar da(s) infância(s) em contextos urbanos**

A fim de ampliar os conhecimentos sobre as produções acadêmicas que fazem referência ao parquinho como lugar da(s) infância(s), em maio de 2022, procedeu-se a uma pesquisa no portal da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), selecionando-se a busca por “assunto”. O recorte temporal estabelecido foi o período de 2002 (ano inicial permitido por esse sistema de busca) a 2021. Em função do escopo desta pesquisa, as palavras-chave “crianças” e “parquinho” foram inseridas como descritores para a localização de estudos. Nessa estratégia de busca o operador booleano utilizado foi o *end* formando uma sentença combinada por duas palavras-chave. A partir desses índices inseridos, foram obtidos 77 artigos, revisados por pares, que registram as palavras selecionadas nos títulos, resumos ou palavras-chave. As áreas de publicação desses documentos atestam o caráter interdisciplinar das investigações acadêmicas sobre as infâncias, pois a base de dados indicou estudos das áreas de educação, psicologia, arquitetura, sociologia, história e geografia.

Após proceder a leitura flutuante dos 77 resumos, foram selecionadas as publicações que apresentaram as três características: (i) as desenvolvidas nos espaços conhecidos como parquinhos, (ii) as que se pautaram pela escuta das vozes das crianças nos parquinhos e (iii) as que refletiram sobre a relevância dos espaços públicos para o desenvolvimento das crianças, totalizando 14 textos, conforme o Quadro 1.

**Quadro 1** - Produções acadêmicas sobre o parquinho como lugar da(s) infância(s) urbana(s)

Autores	Ano de publicação	Desenvolvidas em parquinhos	Procederam à escuta das crianças	Registraram a relevância dos espaços públicos
Silva e Bolsanello	2002			X
Medeiros	2009			X
Fiaes, Marques, Cotrim e Bichara	2010	X	X	X
Müller e Moura Arruda	2012	X	X	X
Cotrim e Bichara	2013	X	X	X
Martins e Gonçalves	2014	X	X	X
Santos e Silva	2016		X	X
Dias	2017	X	X	X
Farias e Müller	2017	X	X	X
Pinto e Bichara	2017	X	X	X
Souza e Pinto	2017	X	X	X
Sodré e Santana	2018			X
Campos e Ramos	2019	X	X	X
Lopes, Nobre e Niquini	2020	X		X

**Fonte:** Elaborado pelas autoras.

Dos artigos selecionados, cinco não procederam à escuta das crianças, mas permanecem na revisão de literatura por apontarem a relevância dos parquinhos para o desenvolvimento das crianças. Outra exceção foi o trabalho de Farias e Müller (2017) que não foi desenvolvido em parquinhos, mas permaneceu no referencial por se tratar de escuta de crianças. Ademais, as crianças participantes dessa pesquisa indicam os parquinhos e as igrejas como equipamentos necessários em uma cidade. As pesquisas selecionadas envolvem a escuta das crianças, com o uso de diferentes ferramentas metodológicas, a saber: diário de campo, foto-elicitación, observações das brincadeiras e movimentos das crianças, filmagens, fotografias, desenhos, análise de mapas e entrevistas. A multiplicidade de instrumentos metodológicos desvela a complexidade do desenvolvimento de pesquisa com as crianças, pois torna-se necessário ao pesquisador das infâncias captar as vozes infantis que se configuram em multilinguagens (Arnott; Wall, 2022; Conte; Cardoso, 2022; Friedmann, 2020, 2022; Graue; Walsh, 2003; Morais, Silva; Wiggers, 2023; Oliveira-Formosinho; Kishimoto; Pinazza, 2007; Voltarelli; Barbosa, 2021). Ao buscar identificar os cenários e as instituições que constituíram o recorte espacial das investigações, observou-se que os artigos versavam sobre a relação das crianças com os

espaços públicos nas cidades e nas escolas. A construção da revisão da literatura apontou para uma carência de estudos sobre a produção cultural das crianças nos momentos de brincadeiras em igrejas.

A partir da leitura e análise dos textos, foi possível pontuar que as autoras Silva e Bolsanello (2002) investigaram a relação entre o cuidar e o educar em uma perspectiva de educação integral, levando em conta que os espaços precisam ser organizados para que as crianças, matriculadas em instituições de educação infantil, se desenvolvam. As autoras, nesse estudo, citam o parquinho como estrutura necessária para as escolas que atendem as crianças nas creches. De acordo com elas, “as crianças pequenas necessitam de toda infraestrutura possível que possa favorecer o seu desenvolvimento, estejam elas inseridas em contextos de instituições educativas ou não” (Silva; Bolsanello, 2002, p. 31).

Medeiros (2009, p. 181) reflete sobre “forma, uso e interações sociais desenvolvidas entre moradores de quadras residenciais com pátio central, do ponto de vista dos usuários”. O artigo registra uma importante reflexão entre a interação das crianças e os adultos em espaços públicos de convívio. Ao longo do texto, a autora cita a palavra “criança” em 10 trechos que narram contextos de interações sociais nos pátios das quadras estudadas. A presença das crianças nesses locais é entendida por moradores entrevistados como indicador de segurança e harmonia.

Fiaes *et al.* (2010) discutem as diferentes formas de ocupação que meninos e meninas estabeleceram em três parquinhos públicos de Salvador, Bahia. As pesquisadoras indicam que os parquinhos constituem locais de brincar para meninas e meninos moradores de centros urbanos, sendo que há uma distinção relevante entre os espaços criados para as crianças e espaços que são escolhidos por elas para serem palcos de suas brincadeiras, pois “os lugares para crianças são aqueles planejados e disponibilizados pelos adultos enquanto os espaços das crianças são aqueles que elas próprias delimitam e delegam significados” (Fiaes *et al.*, 2010, p. 32). Nas observações realizadas nos parquinhos públicos, as autoras apontam “que meninos e meninas apresentam diferenças na preferência por determinadas áreas, se organizam geralmente de forma segregada e realizam brincadeiras diferentes” (Fiaes *et al.*, 2010, p. 32).

Em 2012, Müller e Moura Arruda registraram as opiniões das crianças sobre aspectos ligados ao esporte e ao lazer na cidade de Maringá, Paraná. Nesse trabalho, as autoras estabeleceram três perguntas para que as crianças respondessem, a saber, “o que vocês

mais gostam na cidade? O que vocês menos gostam? Vocês têm alguma sugestão para Maringá?” (Müller; Moura Arruda, 2012, p. 514). As análises sobre as questões de lazer e esporte não foram escolhidas aprioristicamente, mas após as respostas das crianças entrevistadas. As autoras registram que o direito ao lazer e ao esporte ingressaram na sociedade brasileira apenas após a promulgação da Constituição de 1988, e, em 1990, o Estatuto da Criança e do Adolescente firmou, no mundo jurídico, esse direito a crianças e adolescentes. Ao entrevistarem as crianças, as pesquisadoras defendem os direitos políticos de participação desse grupo geracional nos processos que lhes dizem respeito.

Cotrim e Bichara (2013) ampliaram a pesquisa de 2010 realizada em três parquinhos de Salvador, Bahia. Nessa nova análise, com o universo amostral mais ampliado, as autoras identificaram 111 eventos de ocupação “do espaço urbano externo” (Cotrim; Bichara, 2013, p. 388), entre os quais, 91 ocorreram em cinco parquinhos públicos e 20 em espaços não planejados para as crianças. Para as pesquisadoras, os “parquinhos nada mais são do que efeito de uma intenção de compensar as restrições diárias que as crianças encontram no ambiente urbano” (Cotrim; Bichara, 2013, p. 389). A pesquisa indica que há diferenças entre os espaços planejados para as crianças e os não planejados: os primeiros apresentam um certo equilíbrio entre a ocupação feita por meninos e meninas, sendo que os adultos aparecem como aqueles que auxiliam as crianças nas brincadeiras, empurrando o balanço, por exemplo. Já nos espaços não planejados pelas crianças, a ocupação torna-se majoritariamente feita pelos meninos e, normalmente, esses estão em interação com os adultos que participam das brincadeiras, como a de empinar pipas.

Para identificar quais espaços escolares eram considerados significativos para as crianças, Martins e Gonçalves (2014) investigaram o cotidiano de crianças de uma pré-escola. As pesquisadoras compreendem que “a criança se identifica com o espaço por elementos de sua cultura, por experiências gratificantes ali acontecidas e pela troca com outros sujeitos que compartilham o espaço” (Martins; Gonçalves, 2014, p. 623). O estudo indica que há uma ordem de preferência dos espaços, sendo o parquinho o lugar favorito, seguido da quadra de esportes e, por último, as crianças estabeleceram a sala de aula como espaço escolar significativo.

Santos e Silva (2016) refletem sobre a ocupação feita pelas crianças em uma cidade desenhada para adultos, Catingueira, na Paraíba. Para os autores, no contexto urbano “os espaços de sociabilidade são construídos adultocentricamente” e “frequentemente as crianças não são consultadas nem chamadas para os debates ou para as decisões primordiais que envolvem suas vidas” (Santos; Silva, 2016, p. 167). No entanto as crianças superam os obstáculos e ocupam, com suas brincadeiras, locais destinados originalmente para as atividades dos adultos.

Dias (2017) investiga o lugar das crianças nas cidades tendo como cenários de suas investigações parquinhos na cidade de Barcelona, na Espanha. A autora (2017, p. 502) busca “examinar e entender o potencial dos espaços públicos, sua apropriação pelos sujeitos/crianças e o real papel que desempenham no desenvolvimento da infância urbana”. Trata-se de uma pesquisa empírica, tendo múltiplas ferramentas metodológicas, entre elas, a observação e a análise de fotos dos espaços estudados. No artigo, Dias (2017) faz um resgate histórico sobre os parquinhos com referência ao pensamento pedagógico de Friedrich Fröbel (1837), com os *kindergarten*, na Alemanha e os primeiros registros do termo *playground* (1968), em Chicago e Boston (1885, p. 507), “quando a médica Marie Zakrewska levou a ideia da Alemanha aos Estados Unidos, incorporando brinquedos a esses espaços”. A chegada desses espaços especializados no atendimento às crianças no Brasil aconteceu em 1930, em São Paulo, quando Mario de Andrade era Secretário da Cultura. Para Dias (2017, p. 508), o objetivo do parquinho, no contexto urbano, deve ser o de “fomentar o bem-estar e o desenvolvimento físico, cognitivo e social da criança através do brincar ao ar livre, em contato com a natureza, unindo seus principais benefícios: saúde, lazer, cultura, educação, socialização e cidadania”.

Em 2017, Farias e Müller publicaram um artigo propondo uma discussão sobre a cidade como um espaço para a(s) infância(s). Tal publicação torna-se especialmente significativa para este estudo por manter alguns pontos de aproximação com a pesquisa em produção no que concerne o debate sobre o papel das crianças na construção dos dados e o fato de tratar de crianças moradoras de Brasília-DF. Uma das técnicas metodológicas adotadas pelas pesquisadoras, a foto-elicitación, apontou que as crianças participantes indicam alguns lugares como relevantes para uma cidade, o que pode ser observado na descrição que as autoras fazem dessa representação. “Os blocos de madeira

e demais objetos representaram a paisagem macro de uma cidade, que foi composta com aparelhos sociais, tais como: escola, igreja, museus, parques, parquinhos e meios de transporte” (Farias; Müller, 2017, p. 270). Dessa forma, percebe-se que o parquinho, para as crianças, constitui um lugar de brincadeiras e convivência, merecedor de ser representado em suas ideias sobre cidades, bem como as igrejas.

Já a investigação acadêmica de Pinto e Bichara (2017) objetivou identificar as sugestões das crianças para a melhoria dos espaços públicos em que brincavam em Salvador, Bahia. As autoras (2017, p. 30) advogam sobre o direito de as crianças serem ouvidas nos processos que lhes dizem respeito e apontam que “a maioria delas nunca foi ouvida por adultos a respeito da sua opinião quanto ao que gostariam que existisse em sua comunidade e desacredita que um dia serão consultadas”. Como resultados, as crianças apontam que precisa haver mais segurança pública e ampliação das áreas destinadas às suas brincadeiras.

Souza e Pinto (2017) discutem sobre o desenvolvimento de brincadeiras criativas em parques públicos em Salvador, Bahia. As autoras consideram que o conceito de “criatividade” se aplica a todas as variações de brincadeiras que se apoiam em uma versão original. Para elas (2017, p. 408), “o brincar acontece no que se chama Zona Lúdica, que possui elementos característicos: a criança e sua subjetividade, o espaço geográfico em que está inserida e o espaço temporal”. A partir das observações das vivências das crianças em um parquinho que estava em reforma, percebeu-se que, quando se sentiam seguras com os equipamentos do parquinho, as crianças conseguiram brincar demonstrando mais criatividade. Deste modo, as autoras ponderam sobre a necessidade de investimentos na manutenção desses equipamentos públicos.

Sodré e Santana (2018) examinaram as normativas do Ministério da Educação que versavam sobre os espaços físicos das escolas de educação infantil. Por meio de levantamento bibliográfico realizado no portal da Capes, as autoras encontraram 11 estudos sobre a relação entre espaço físico e práticas pedagógicas vivenciadas nas escolas de educação infantil. Em apenas três desses estudos, as crianças foram ouvidas e suas falas indicam que o parque e as áreas externas constituem os seus locais preferidos.

Na cidade de Santa Maria, no Rio Grande do Sul, Campos e Ramos (2019) realizaram uma pesquisa e apresentaram as produções culturais que crianças de 36 meses elaboraram



no contexto de brincadeiras livres em alguns ambientes escolares, entre eles, o parquinho. A metodologia orientou-se pela abordagem etnográfica e os dados foram construídos por meio de observações, filmagens e anotações no diário de campo. De acordo com as autoras (2019, p. 1), “em situações de brincadeiras com pares de idade, as crianças constroem, negociam e compartilham significados, indicando compreensões de relações e de papéis sociais”, desvelando o parquinho como um lugar rico na produção da cultura de pares.

Em 2020, há um relato de experiência sobre uma ação de extensão universitária que registrou o envolvimento de toda comunidade escolar na construção de um parquinho para uma escola pública de educação infantil em Diamantina, Minas Gerais. Lopes, Nobre e Niquini (2020, p. 217) indicam que a ação de organizar o uso de materiais alternativos para a elaboração de um parquinho ocorreu em função da “ausência de espaços apropriados que favorecessem o brincar e a movimentação corporal das crianças pequenas de forma espontânea”. O trabalho coletivo resultou em um ambiente mais agradável para as crianças e no fortalecimento da cultura do movimento no espaço escolar.

O mapeamento e a análise dessas pesquisas indicaram que nove artigos registram o esforço de pesquisadores na escuta das crianças. Tais investigações com a participação das crianças dependem de uma arquitetura metodológica que seja capaz de ouvir as vozes das crianças por meio de procedimentos que respeitem as formas de comunicação construídas por elas, a saber: o desenho, as brincadeiras, as esculturas, as interações e as falas manifestas durante os jogos simbólicos (Alderson, 2005; Arnott; Wall, 2022; Friedmann, 2020, 2022; ONU, 1989; Wiggers, 2003). Assim, o cotidiano das infâncias e as brincadeiras que nele são construídas tornam-se *habitus* privilegiados para desenvolver estratégias de escuta das crianças (Carvalho; Fochi, 2017; Certeau, 1994; Corsaro, 2011; Farias, 2019; Fochi, 2019; Leite, 2021; Martilnelli Ferreira, 2020; Müller; Freitas; Wiggers, 2003, 2015).

Assim, alicerçada nos estudos dos teóricos em tela, a pesquisa se ancora em dois procedimentos de construção de revisão de literatura, a saber, a revisão de literatura narrativa e a busca em base de dados. A escolha do campo da pesquisa justifica-se pela ausência de estudos sobre as crianças e suas produções culturais nas igrejas, por isso o parquinho de uma instituição religiosa é o *locus* desta pesquisa. Compreende-se que as crianças precisam ser ouvidas com metodologias apropriadas ao seu desenvolvimento, a

revisão de literatura desenvolvida estabelece o diálogo com outras pesquisas que optaram pela abordagem etnográfica, em que “as crianças são a fonte primária de conhecimento sobre suas próprias visões e experiências” (Alderson, 2005, p. 436). Celante (2014) soma ao afirmar que a etnografia se trata de um complexo meio de produção de conhecimento, com diversas técnicas de pesquisa a seu favor, de modo que ofereçam pistas sobre os fenômenos sociais, esses que são arranjados e construídos ora pelos sujeitos da pesquisa ora pelo pesquisador.

## As vozes das crianças nos parquinhos: um olhar interdisciplinar

Após o mapeamento das pesquisas com crianças desenvolvidas em parquinhos e a reflexão sobre o necessário olhar interdisciplinar nos estudos sobre as infâncias, compreende-se que uma “perspectiva cartesiana não é suficiente para se compreender a complexidade e dinamicidade da realidade e das relações que se estabelecem nos cenários sociais e ambientais” (Oliveira, 2018, p. 132) nos quais as crianças se constituem e vivenciam sua experiência de infância.

Deste modo, a amostra de artigos apresentada no Quadro 1 foi refinada em razão de optarmos por estudos que primassem pelo uso de metodologias que garantissem a escuta das crianças sobre os parquinhos, no caso, nove artigos. Procedeu-se, em seguida, à análise do referencial teórico de cada uma das pesquisas selecionadas a fim de identificar os conceitos empregados para compreender as produções culturais que as crianças desenvolveram nos parquinhos.

**Quadro 2** - Aportes teóricos das pesquisas sobre escuta de crianças em parquinhos selecionadas para o referencial metodológico

Autores e ano de publicação	Campos de estudos						
	Blue	Yellow	Light Green	Red	Dark Green	Dark Green	White
Fiaes, Marques, Cotrim e Bichara (2010)	x	X	x	X		x	X
Müller e Moura Arruda (2012)	x		x	X	x	x	
Cotrim e Bichara (2013)	x	X	x	X	x	x	X
Martins e Gonçalves (2014)	x	X	x	X	x	x	X
Dias (2017)	x	X	x	X	x	x	X
Farias e Müller (2017)	x	X	x	X	x	x	X
Pinto e Bichara (2017)	x	X	x	X	x	x	X
Souza e Pinto (2017)	x	X	x	X	x	x	X
Campos e Ramos (2019)	x	X	x		x	x	

Sociologia das Infâncias	Blue
Psicologia	Yellow
Geografia das Infâncias	Light Green
História das Crianças	Red
Pedagogia do cotidiano	Dark Green
Antropologia	Dark Green
Estudos Comparados	White

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Assim, após a leitura e análise qualitativa sobre as pesquisas e, principalmente, sobre seus referenciais teóricos, apontamos que a pesquisa desenvolvida por Fiaes *et al.* (2010) trata-se de um trabalho vinculado ao campo da psicologia do desenvolvimento dialogando também com conceitos de outros campos. As autoras registram, na introdução, uma análise histórica, geográfica e sociológica sobre as consequências do crescimento desordenado dos grandes centros urbanos na ocupação dos espaços da cidade feitas pelas crianças. A comparação entre duas formas de apropriação espacial pode ser identificada quando as autoras citam Rasmussen (2004), uma autora dinamarquesa, que distingue “lugar para as crianças” do “lugar da criança”, sendo o primeiro desenhado pelos adultos para segregar as crianças, oferecendo-lhes proteção, e o segundo, pautado pela determinação das próprias crianças que os tornam cenários de suas brincadeiras. As autoras desvelam, nesse sentido, as elaborações infantis tecidas no cotidiano e o aporte metodológico da antropologia emergem de suas análises.

Müller e Moura Arruda (2012) abordam, na introdução do trabalho, aspectos ligados à geografia da cidade e a defesa do direito à participação das crianças. Esse último ligado ao campo da sociologia da infância. As autoras (2012, p. 515) registram que as crianças “possuem histórias, experiências, culturas e conhecimentos que podem contribuir para a investigação da infância”. Além desses pressupostos teóricos, as autoras buscaram na antropologia urbana e na história das cidades ferramentas metodológicas para suas análises. Não foram percebidos, explicitamente, aportes da psicologia ou dos estudos comparados no artigo.

Cotrim e Bichara (2013) problematizam a pouca produção da área de psicologia do desenvolvimento infantil em áreas externas. Logo em seguida, indicam que a geografia da(s) infância(s) é um campo recente que auxilia na compreensão da relação das crianças com os espaços na contemporaneidade. Apontam, desta forma, para a íntima relação entre as produções culturais infantis, os contextos físicos e o tempo histórico. Para as autoras, “contexto e brincadeira estão intimamente ligados” (Cotrim; Bichara, 2013, p. 389). Ao descreverem, na parte metodológica, o uso das fotografias como ferramenta para construção dos dados, as autoras registram que se trata de uma estratégia amplamente utilizada na “antropologia e sociologia e que agora começa a ganhar espaço na psicologia”

(Cotrim; Bichara, 2013, p. 390). Por fim, ao mencionarem que há dois tipos de lugares para as crianças (locais para as crianças e locais não para as crianças) desenvolverem suas brincadeiras no contexto urbano, as autoras compararam dois tipos de ocupação feitas pelas crianças, com lógicas e regras distintas, vivenciadas nos cotidianos infantis.

Martins e Gonçalves (2014), visando ouvir as crianças, empregaram a metodologia de análise semiótica de desenhos, indicando que a pesquisa se trata de um estudo do campo da psicologia. Nos resultados da pesquisa, o parquinho foi indicado como o lugar de maior apropriação pelas crianças, considerando que “a criança se identifica com o espaço por elementos de sua cultura” (Martins; Gonçalves, 2014, p. 623). Esse artigo busca uma análise interdisciplinar das produções culturais das crianças no ambiente escolar, pois a compreensão de cultura apoia-se nos saberes antropológicos e sociológicos, assim como o espaço pode ser compreendido como um conceito do campo da geografia e da história, visto que “o espaço é uma categoria abstrata e é problematizado por várias áreas da ciência; este não pode ser separado da sua relação com o tempo” (Martins; Gonçalves, 2014, p. 624). As autoras ainda afirmam a relevância do cotidiano como caminho para uma apropriação dos espaços escolares por parte das crianças. Há, na metodologia da pesquisa, uma clara abordagem comparativa sobre os espaços escolares mais apropriados pelas crianças.

A respeito do cotidiano, aspecto comum e relevante observado nesses trabalhos citados, o filósofo francês Merleau-Ponty (1990) afirma que esse é essencial para entender a criança e a capacidade dos adultos de observar, descrever, compreender e interpretar as relações da criança consigo mesma, com o outro e com o mundo. O autor propõe um saber mais afetivo, que possibilite uma relação de escuta e entendimento sensível entre o adulto e criança, levando em consideração o cotidiano cultural e antropológico. Desse modo, esses espaços do cotidiano, além de somar ao imaginário infantil, promovem a consolidação de laços entre pares e as formas de interação; isso acontece, portanto, por meio do convívio e do (re)conhecimento da cultura do outro (Sarmiento, 2008).

O ano de 2017 foi profícuo nas pesquisas sobre as vozes das crianças nos parquinhos, tendo o maior número de estudos publicados – Dias (2017), Farias e Müller (2017), Pinto e Bichara (2017) e Souza e Pinto (2017) –, o que aponta um esforço dos

pesquisadores brasileiros em compreender as elaborações das crianças nos parquinhos como um objeto acadêmico, o que favorece uma consolidação dos delineamentos teóricos e metodológicos para proceder a escuta das crianças nesse espaço de convívio social.

Dias (2017, p. 501) escreveu sobre a “complexidade do lugar que a criança ocupa na cidade: no espaço urbano e na sociedade”. Trata-se do ponto de vista teórico, “do cruzamento de vários campos do conhecimento”, notadamente da arquitetura e urbanismo, sociologia, antropologia e estudos das infâncias, pois retrata, nesse estudo, “mundos socioculturais múltiplos, plurais e diversos no seu modo de vida, de vivenciar e de se apropriar dos espaços” (Dias, 2017, p. 502). A autora compreende a infância como objeto de estudo historiográfico que se desenvolveu com os movimentos sociais de individualização das crianças e sua separação da sociedade, por meio de instituições protetoras das crianças, como a escola. Nesse bojo, os parquinhos podem ser inseridos como uma compensação às crianças dos espaços perdidos nas grandes cidades. Sobre os aportes da Pedagogia do Cotidiano, a autora, apesar de não mencionar explicitamente, recorre ao cotidiano como fonte de observações das crianças. Sobre a questão dos aportes dos estudos comparados, Dias (2017) faz uma pequena inserção nesse campo ao anunciar aproximações e distanciamentos entre as políticas de parquinhos do Brasil e da Espanha.

Farias e Müller (2017, p. 261) tinham como objetivo “conhecer as experiências urbanas” de crianças moradoras de Brasília. O parquinho aparece como um dos equipamentos públicos apontados pelas crianças necessários em uma cidade, bem como as igrejas. O estudo se desenvolve sob uma perspectiva que “envolve a temática da infância e da cidade nas Ciências Humanas e Sociais” (Farias; Müller, 2017, p. 262), indicando mais uma vez o caráter interdisciplinar dos estudos que envolvem as crianças. As autoras trabalham com conceitos do cotidiano e alguns aportes dos estudos comparados, como a identificação de uma lógica própria de cada criança participante na representação da cidade por meio da técnica de foto-elicitação.

As opiniões de 28 crianças de 11 anos, moradoras de Salvador-BA, foram analisadas por Pinto e Bichara (2017, p. 28), por meio do embasamento teórico da psicologia histórico-crítica e da sociologia da infância. O estudo aponta para “a necessidade de se conhecer as demandas da infância sob a ótica da própria criança, estimulando-se a cidadania”. Os conhecimentos fundamentados na geografia ficam evidentes quando as autoras discutem

as aproximações dos termos “espaço” e “lugar”, esse último consolidado no campo dos estudos da geografia como ligado às relações afetivas dos sujeitos com o espaço. “É no lugar que a criança tem condições de viver sua identidade de infância, brincar, interagir com os amigos, entre outros comportamentos” (Pinto; Bichara, 2017, p. 29). Os cotidianos de meninas e meninos foram apreendidos para as análises por meio de entrevistas e desenhos. As autoras fizeram comparações entre as diferentes formas de ocupação dos espaços públicos para as brincadeiras, utilizando a interseccionalidade de gênero.

Já Souza e Pinto (2017) analisaram o desenvolvimento de brincadeiras criativas em parquinhos públicos de Salvador-BA. As autoras consideram que essas brincadeiras derivam de um repertório de brincadeiras originais e que ganham contornos novos, por isso são consideradas criativas. Consideram que “o brincar acontece no que se chama de Zona Lúdica, que possui elementos e característicos: a criança e sua subjetividade, o espaço geográfico em que está inserida e o espaço temporal” (Souza; Pinto, 2017, p. 408). O estudo acompanhou essas elaborações culturais das crianças antes e depois da reforma de um parquinho público. Os caminhos metodológicos apontam para uma orientação antropológica, pois as pesquisadoras fizeram observações das crianças em seus cotidianos de brincadeiras. As autoras compararam as produções culturais das crianças antes e depois da reforma do parquinho e indicaram mudanças qualitativas na forma de brincar nesses dois cenários distintos.

Em 2019, Campos e Ramos (2019, p. 1) desenvolveram uma pesquisa com 25 crianças em uma escola de educação infantil por meio da perspectiva etnográfica, com “observações, filmagens e registros em notas de campo nos momentos de brincadeiras de livre escolha das crianças no parquinho, na brinquedoteca e durante atividades não direcionadas pelos adultos”. Para as autoras, ancoradas nos conceitos defendidos por Corsaro (2011, p. 4), as elaborações culturais são “estruturantes do cotidiano das crianças, em processo produzido e partilhado através da experiência social, revelando-se em modos de sentir, agir, pensar e interagir com o mundo e com os sujeitos”. As autoras se fundamentam em Sarmiento (2003) para a proceder a análise dos episódios de brincadeiras. A pesquisa desenvolvida por Campos e Ramos (2019) aponta para o caráter interdisciplinar dos estudos sobre as crianças e pelo uso de multimétodos para a construção de dados.



## Reflexões transdisciplinares nas análises dos aportes teóricos dos artigos selecionados

As reflexões elaboradas no processo de mapeamento das pesquisas que procederam a escuta das crianças em parquinhos evidenciaram o caráter interdisciplinar dos estudos sobre a(s) infância(s) e desvelaram a possibilidade de abordagem transdisciplinar para este estudo (Prout, 2010). Para Oliveira (2018), a teoria que compreende o ser humano na dimensão transdisciplinar admite a existência humana como um sistema aberto e dinâmico em constantes interações, formando uma rede de conexões, destacando que só o olhar transdisciplinar pode dar conta da sua integralidade.

Nesse contexto, Nicolescu (1999, p. 1), registra no Manifesto da Transdisciplinaridade que “a soma dos conhecimentos sobre o Universo e os sistemas naturais, acumulados durante o século XX, ultrapassa em muito tudo aquilo que pôde ser conhecido durante todos os outros séculos reunidos”. Essa complexidade de produção de conhecimentos aponta para um diálogo transdisciplinar para a compreensão de objetos complexos, como a infância.

Para Nicolescu (1999, p. 13), “as teorias unificadas são muito poderosas no nível dos princípios gerais, mas são bastante pobres na descrição da complexidade de nosso próprio nível”. No manifesto da transdisciplinaridade, Nicolescu (1999, p. 16) afirma que a transdisciplinaridade é aquilo “que está ao mesmo tempo entre as disciplinas, através das diferentes disciplinas e além de qualquer disciplina. Seu objetivo é a compreensão do mundo presente para o qual um dos imperativos é a unidade do conhecimento”. Assim, a diferenciação entre a interdisciplinaridade e a transdisciplinaridade reside na permanência ou superação das fronteiras disciplinares na/para análise de uma determinada realidade.

A partir da revisão da literatura, reconhece-se nos estudos o diálogo entre as grandes áreas do conhecimento e a busca por compreender o objeto e sujeitos de pesquisa sobre múltiplas abordagens, a saber: a sociologia da infância, a psicologia histórico-cultural, a geografia da(s) infância(s), a história das crianças no Brasil, a pedagogia do cotidiano e a antropologia da infância, o aporte de análise dos estudos comparados encontra evidentes nos estudos mapeados. No caso dos estudos sobre a infância, há diálogos entre conceitos fronteirizos, que ora se aproximam, ora encontram linhas de fugas (Passos; Kastrup; Escócia, 2020).

Na prática, toda disciplina é uma convergência, mais ou menos temporária: não um campo delimitado, mas uma ligação de linhas de interesse geradas por seus vários praticantes. E como a rotação continua na medida em que seus praticantes seguem seu caminho, a disciplina é processual e aberta. Quando as disciplinas não oferecem mais um caminho a seguir, não fazem tanto um fragmento, mas o desvendam, pois suas linhas constituintes flutuam em outras direções apenas com outras linhas em outras convergências. O emaranhado geral de linhas, percorrendo aqui, desvendando lá, compreende a grande tapeçaria do conhecimento na qual a busca pelo mesmo está sempre em tecelagem (Ingold, 2020, p. 106).

Esse “emaranhado” anunciado pelo antropólogo Ingold (2020) pode ser ilustrado na relação entre a sociologia da infância e a psicologia. Corsaro (2011, p. 22) indica que parte das análises sociológicas sobre a crianças desenvolveu-se em diálogos com a psicologia do desenvolvimento. Para ele, “grande parte do estudo sociológico sobre a socialização inicial na infância foi influenciada pelas teorias dominantes da Psicologia do Desenvolvimento”. Mesmo considerando as crianças como seres passivos, as teorias construtivistas iniciaram o movimento de visibilidade acadêmica das crianças. Sobre a gênese da articulação entre a sociologia da infância e a psicologia, Mauss (2010, p. 241) indica que “todo estudo de psicologia da criança, ao tratar e analisar suas ideias a partir do interrogatório do psicólogo, é, em algum grau, um estudo sociológico”. O autor prossegue seu esforço de delimitar o campo da sociologia da infância distinguindo-o da psicologia e elege o meio em que a(s) infância(s) acontece(m) como elemento distintivo entre esses dois campos: “é preciso adicionar um estudo mais especificamente sociológico dos meios infantis, enquanto meios, propriamente”. A reflexão produzida pelo referido teórico impõe o estudo do meio como condição básica para “o estudo de crianças determinadas” (Mauss, 2010, p. 241).

Prout (2010, p. 733) compreende a infância como um objeto complexo que desafia pesquisadores a “encarar a complexidade e ambiguidade da infância como um fenômeno contemporâneo e estável”. Nesse sentido, Nicolescu (1999, p. 12) indica que objetos complexos precisam ser analisados de forma transdisciplinar, pois “a complexidade nutre-se da explosão da pesquisa disciplinar”. Esse movimento de diálogos não hierárquicos entre as disciplinas ficou evidente a partir da análise dos aportes teóricos dos textos selecionados pela estratégia de construção da revisão de literatura.

## Considerações Finais

A revisão de literatura constitui-se como fase fundamental do fazer dos pesquisadores. E a mescla de métodos pautados pela formação do pesquisador e pela tecnologia podem ampliar o diálogo entre grupos de pesquisas que investigam o mesmo tema, ao publicizar os resultados e assim contribuir para o fortalecimento das pesquisas educacionais. Os estudos achados durante a revisão bibliométrica, compreendem os parquinhos como equipamentos urbanos que contribuem para a educação integral das crianças. Além disso, as reflexões sobre o desenvolvimento infantil combinadas à perspectiva do direito ao lazer justificam a necessidade dos parquinhos em espaços urbanos. Estes trabalhos realçam que os parquinhos favorecem a interação entre adultos e crianças, bem como convívio na comunidade em momentos de lazer. Sobretudo, na visão das crianças, o parquinho é considerado um lugar favorito, pois oferece local para brincar, proporcionando experiências prazerosas. Desse modo, os trabalhos selecionados apontam a necessidade de investimentos na construção e manutenção desses equipamentos públicos em centros urbanos.

No caso deste artigo, optou-se por construir uma revisão de literatura narrativa complementando com a busca em portal de base de dados, por investigações que dialogassem com a temática de crianças e parquinhos. A revisão de literatura visou destacar as descrições metodológicas das estratégias de busca, seleção e exclusão dos trabalhos como parte do rigor necessário a construção científica. O tempo longo da revisão narrativa de literatura constitui um amálgama entre a subjetividade do pesquisador e as atividades intelectuais individuais e as participações em grupos de pesquisas e estudos dos quais ele colabora.

Acerca da fase de mapeamento de pesquisas sobre crianças em parquinhos, aponta-se a necessidade de revisões de literatura para compor o aporte teórico e metodológico dos estudos acadêmicos. A busca em base de dados e a inserção de textos clássicos do campo, aliando a técnica pautada em algoritmos com a história subjetiva de cada pesquisador viabiliza a construção teórica e metodológica de uma pesquisa. Assim, reconhecemos que a pesquisa não pode ser determinada pela técnica, mas de algum modo a esta estará condicionada.

Emerge das reflexões a necessidade de investir em transparência nos algoritmos de busca das plataformas de dados, pois a recuperação dos textos pauta-se por decisões humanas de favorecer um ou outro critério. Portanto, para contribuir para a construção de um fazer científico claro, essa linguagem de programação precisa ser compartilhada e registrada no percurso de construção da revisão de literatura.

A escuta das crianças em pesquisas acadêmicas tem sido consolidada como um direito e apresenta-se como um desafio teórico e metodológico para os pesquisadores do campo de estudos da infância. Essa complexidade aponta para a necessária construção de procedimentos de revisão de literatura que valorizem os autores que se esforçam na busca de reconhecer o direito a importância das crianças e que, por meio dos seus estudos e debates fundamentam o campo. A revisão de literatura permite a identificação e o reconhecimento de novas produções e a promoção de diálogos e trabalhos de pesquisa em rede, com os outros pesquisadores da(s) infância(s). Assim, os artigos selecionados na revisão de literatura abordaram os parquinhos considerando as vozes das crianças e apontam aspectos importantes para o estabelecimento de políticas e práticas voltadas ao fortalecimento da agência social dessa geração.

Os movimentos das crianças são linguagens próprias, pois “as crianças se colocam de corpo inteiro nas experiências, entregando-se nas dimensões do tempo para aproveitar cada segundo da intensidade no explorar e no conhecer” (Voltarelli; Barbosa, 2021). A compreensão das culturas infantis e da linguagem das crianças como objeto de pesquisa desvela a cultura adultocêntrica que sustentou as produções acadêmicas sobre as crianças e que começou a ser superada com a sociologia da infância (Corsaro, 2011). Para pesquisar com as crianças, é preciso diminuir o ritmo, tirar os sapatos, cultivar o silêncio, aquietar-se em um cantinho do parquinho e aguardar o convite de alguma criança para o início de qualquer interação (Conte; Cardoso, 2022; Corsaro, 2005; Graue; Walsh, 2003). As pesquisas com crianças exigem diálogos interdisciplinares e transdisciplinares, em um movimento que tem se consolidado em trabalhos orientados pela nova sociologia da infância (Prout, 2010) e com a consolidação das produções dos estudos da geografia das infâncias apontando para “um novo paradigma” (Lopes, 2018, p. 23).

Pesquisas desenvolvidas em parquinhos exploram diferentes linguagens das crianças. Alguns achados da pesquisa apontam para a capacidade criativa das crianças a

partir das características físicas do parquinho, o que favorece o registro das mini-histórias elaboradas pelas crianças enquanto brincam (Conte; Cardoso, 2022).

Conclui-se que a ida das crianças ao parquinho está subordinada a uma dupla dependência dos adultos; no caso dessa comunidade religiosa, primeiro da família e depois dos voluntários que atuam como professores. Constatou-se que os campos religiosos frequentados por crianças podem ser mais explorados por estudos acadêmicos, visto que eles compõem a teia global (Corsaro, 2011). Os parquinhos podem ser melhorados com a escuta das crianças, em movimentos de fortalecimento político das crianças como cidadãs, dignas de participação nos processos sociais.

## Referências

ALDERSON, P. As crianças como pesquisadoras: os efeitos dos direitos de participação sobre a metodologia de pesquisa. **Educação e Sociedade**, v.26, n.91, p.419-442, 2005.

ARNOTT, L.; WALL, K. (org.). **The theory and practice of voice in early childhood**: an internacional exploration. Oxon, UK: Routledge. 2022.

BASTOS, L. C. S. L. Escutar a experiência da pesquisa para promover a transformação do pensar e fazer acadêmico. **Cenas Educacionais**, v.3, n.e8359, p.1-27, 2020.

BIBLIOTECA PROF. PAULO DE CARVALHO MATTOS. **Tipos de revisão de literatura**. Botucatu, SP: Faculdade de Ciências Agrônomas; UNESP, 2005. Disponível em: <https://www.fca.unesp.br/Home/Biblioteca/tipos-de-evisao-de-literatura>. Acesso em: 28 ago. 2022.

BORTONI-RICARDO, S. M. **O professor pesquisador**: introdução à pesquisa qualitativa. 2 ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

CAMPOS, R. K. N; RAMOS, T. K. G. Recriações de papéis sociais sobre família no brincar de crianças pequenas. **Educação**, v.44, p.1-23, 2019.

CARVALHO, R. S.; FOCHI, P. S. A pedagogia do cotidiano na (e da) educação infantil. **Em Aberto**, v.30, n.100, p.15-19, 2017.

CELANTE, A. R. **Educação física escolar e os saberes na ação docente**. 2014. 196f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas 2014.

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

CONTE, E.; CARDOSO, C. B. S. Pesquisa-formação com mini-histórias na Educação Infantil. **Educação e Pesquisa**, v.48, p.1-23, 2022.

COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR (CAPES). **Portal de periódicos CAPES/MEC**, 2022. Página inicial. Disponível em: [https://www.periodicos-capes.gov-br.ezl.periodicos.capes.gov.br](https://www.periodicos-capes.gov.br.ezl.periodicos.capes.gov.br). Acesso em: 30 maio 2022.

CORSARO, W. Entrada no campo, aceitação e natureza da participação nos estudos etnográficos com crianças pequenas. **Educação & Sociedade**, v.26, n.91, p.443-464, 2005.

CORSARO, W. Métodos etnográficos no estudo da cultura de pares e das transições iniciais na vida das crianças. In: MÜLLER, F.; CARVALHO, A. M. A. (org.). **Teoria e prática na pesquisa com crianças: diálogos com Willian Corsaro**. São Paulo: Cortez, 2009.

CORSARO, W. **Sociologia da Infância**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

COTRIM, G. S.; BICHARA, I. D. O brincar no ambiente urbano: limites e possibilidades em ruas e parquinhos de uma metrópole. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v.26, n.2, p.388-395, 2013.

DIAS, M. S. Brincando na cidade, crescendo em cidadania: um estudo sobre os parques infantis de Barcelona, Espanha. **Oculum Ensaios**, v.14, n.3, p.501-522, 2017.

FARIAS, M. J. A. **“Tio, eu gosto é de treta...”** O cotidiano infantil nas mediações entre o brincar e o brigar na escola. 2019. 247f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade de Brasília, Brasília, 2019.

FARIAS, R. N. P.; MÜLLER, F. A cidade como espaço da infância. **Educação & Realidade**, v.42, n.1, p.261-282, 2017.

FIAES, C. *et al.* Gênero e brincadeira em parquinhos públicos de Salvador (BA). **Interação em Psicologia**, v.14, n.1, 2010.

FOCHI, P. S. **A documentação pedagógica como estratégia para a construção do conhecimento praxiológico: o caso do Observatório da Cultura Infantil-OBECI**. 2019. 346f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

FRANCISCHINI, R. Crianças como sujeitos na investigação: contribuições teórico-metodológicas do campo científico interdisciplinar de estudos da criança. In: SARMENTO, M. J.; FERNANDES, N.; SIQUEIRA, R. M. **A defesa do direito da criança: uma luta sem fronteiras**. Goiânia: Cênone Editorial, 2020. p.79-95

FRIEDMANN, A. A importância do respeito às vidas das crianças na Primeira Infância na perspectiva antropológica. In: FRIEDMANN, A.; LAMEIRÃO, L.; LEVY, P. C. S. H.; ECKSCHMIDT, S.; FARIAS, V. E. (org.). **Olhares para as crianças e seus tempos: caminhos, frestas e travessias**. Cachoeira Paulista: Passarinho/Diálogos Embalados, 2022.

FRIEDMANN, A. **A vez e a voz das crianças: escutas antropológicas e poéticas das infâncias**. São Paulo: Panda Books, 2020.



GAMBOA, S. S. **Pesquisa em Educação: métodos e epistemologia**. Chapecó: Argos, 2007.

GATTI, B.; ANDRÉ, M. A relevância dos métodos de pesquisa qualitativa em Educação no Brasil. In: WELLER, W.; PFAFF, N. (org.). **Metodologias da pesquisa qualitativa em educação: teoria e prática**. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

GIL, A. C. **Como Fazer Pesquisa Qualitativa**. Rio de Janeiro: Atlas, 2022.

GOBBI, M. A. Múltiplas linguagens de meninos e meninas na educação infantil. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL DO CAMPO: CURRÍCULO EM MOVIMENTO: PERSPECTIVAS ATUAIS, 1, 2001, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte, 2010.

GONÇALVES, E. P. **Conversas sobre iniciação à Pesquisa Científica**. 3 ed. Campinas: Editora Alínea, 2003.

GRAUE, M. E.; WALSH, D. J. **A investigação etnográfica com crianças: teorias, métodos e ética**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

INGOLD, T. **Antropologia e/como educação**. Petrópolis: Vozes, 2020.

JENKINS, H. **Cultura da Convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.

LEITE, J. **Ser criança camponesa no cerrado**. Curitiba: CRV, 2021.

LOPES, J. J. M. **Geografia e educação infantil: espaços e tempos desacostumados**. Porto Alegre: Mediação Editora, 2018.

LOPES, J. J. M.; FERNANDES, M. L. M. Geografia das Infâncias, geografia dos bebês, das crianças e dos jovens e a geografia dos cuidados: veredas e coetaneidade e da alteridade. In: FERNANDES, M. L. B.; LOPES, J. J. M.; TEBET, G. G. C. **Geografia das crianças, dos jovens e das famílias**. Brasília: Universidade de Brasília, 2021. p. 80-110.

LOPES, P.; NOBRE, J. N. P.; NIQUINI, C. M. Parque na escola: uso(s) de materiais alternativos e ações coletivas para a educação infantil. **Revista de Educação Popular**, v.19, n.2, p.214-227, 2020.

MARTINELLI FERREIRA, F. **Nos tempos de brincar: por uma etnografia: por uma etnografia das culturas infantis nos espaços da escola**. 2020. 213f. Tese (Doutorado) – Universidade de Brasília, Brasília, 2020.

MARTINS, R. J.; GONÇALVES, T. M. Apropriação do espaço na pré-escola segundo a psicologia ambiental. **Psicologia & Sociedade**, v.26, n.3, p.622-631, 2014.

MAUSS, M. Três observações sobre a sociologia da infância. **Pro-Posições**, v.21, n.3, p.237-244, 2010.

MEDEIROS, A. P. G. Forma, gestão e relações sociais em Quadras Residenciais Cariocas. **Em Pauta : teoria social e realidade contemporânea**, v.6, n.24, p.181-198, 2009.

MERLEAU-PONTY, M. **O primado da percepção e suas consequências filosóficas**. Campinas: Papyrus, 1990.

MORAIS, L. G. O. de. **Culturas infantis**: um estudo com crianças em um parquinho de uma comunidade religiosa de Brasília. 2023. 205f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de Brasília, Brasília, 2023.

MORAIS, L. G. O.; SILVA, A. A. F.; WIGGERS, I. D. Vivências comunitárias de crianças em um parquinho de uma instituição religiosa. **Revista Cocar**, n.22, 2023.

MÜLLER, F.; FREITAS, A. N.; WIGGERS, I. D. Brincadeiras de faz de conta: desafios às práticas docentes. **Revista Retratos da Escola**, v.9, n.16, p.199-212, 2015.

MÜLLER, V. R.; MOURA ARRUDA, F. Crianças e suas opiniões: lazer e esportes em uma cidade brasileira. **Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud**, v.10, n.1, 2012.

MUÑOZ, G. L. La nueva sociología de la infancia. Aportaciones de una mirada distinta. **Política y Sociedad**, v.43, n.1, p.9-26, 2006.

NICOLESCU, B. **O manifesto da transdisciplinaridade**. São Paulo: Triom, 1999.

OLIVEIRA, G. F. de. Educar numa perspectiva complexa e transdisciplinar: reflexões para uma docência sensível. **Cenas Educacionais**, v.1, n.2, p.132-145, 2018.

OLIVEIRA-FORMOSINHO, J.; KISHIMOTO, T. M.; PINAZZA, M. A. (org.). **Pedagogia(s) da infância**: dialogando com o passado, construindo o futuro. Porto Alegre: Artmed, 2007.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). **Convenção sobre os Direitos da Criança**, 1989. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/convencao-sobre-os-direitos-da-crianca>. Acesso em: 15 abr. 2021.

PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (org.). **Pistas do Método da cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2020.

PINTO, P. S. P.; BICHARA, I. D. O que dizem crianças sobre os espaços públicos onde brincam. **Interação em Psicologia**, v.21, n.1, p.28-38, 2017.

PROUT, A. Reconsiderando a nova sociologia da infância. **Cadernos de Pesquisa**, v.40, n.141, p.729-750, 2010.

ROTHER, E. T. Revisão sistemática X revisão narrativa. **Acta Paulista de Enfermagem**, v.20, n.2, 2007.

SANTOS, P. O.; SILVA, A. L. A cidade dos adultos ocupada pelas crianças: a resignificação infantil dos espaços urbanos a partir de Catingueira-Paraíba. **Trabalho**, v.1, n.43, p.167-184, 2016.

SARMENTO, M. J. Imaginários e culturas da infância. **Cadernos de Educação**, n.21, p.51-69, 2003.

SARMENTO, M. J. Sociologia da infância: correntes e confluências. In: SARMENTO, M. J.; GOUVEA, M. C. S. (org.). **Estudos da infância: educação e práticas sociais**. Petrópolis: Vozes, 2008. p 1-30.

SARMENTO, M. J.; FERNANDES, N.; SIQUEIRA, R. M. **A defesa do direito da criança: uma luta sem fronteiras**. Goiânia: Cênone Editorial, 2020.

SILVA, C. R.; BOLSANELLO, M. A. No cotidiano das creches o cuidar e o educar caminham juntos. **Interação em Psicologia**, v.6, n.1, p.31-36, 2002.

SODRE, L. G. P.; SANTANA, D. R. Políticas públicas e estudos sobre o espaço físico para a Educação Infantil. **Revista da FAEBA: Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v.27, n.52, p.139-154, 2018.

SOUSA, S. M. G. Os estudos da criança e da infância no Brasil: contribuições da extensão universitária e dos grupos de pesquisa. In: SARMENTO, M. J.; FERNANDES, N.; SIQUEIRA, R. M. **A defesa do direito da criança: uma luta sem fronteiras**. Goiânia: Cênone Editorial, 2020. p. 97-112.

SOUZA, A. S. de; PINTO, P. S. P. O desenvolvimento de brincadeiras criativas no contexto dos parquinhos públicos. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v.17, n.1, p.406-425, 2017.

STACCIOLIE, G.; RITSCHER, P. Um laboratório da maravilha: marcas do cotidiano para a construção de uma pedagogia que acolhe o universo das crianças [Entrevista cedida a] Paulo Sergio Fochi. **Em Aberto**, v.30, n.100, p.159-168, 2017.

TEBET, G. G. de C; ABRAMOWICZ, A. O bebê interroga a sociologia da infância. **Linhas Críticas**, v.20, n.41, p.43-61, 2014.

TEBET, G. G. de C.; COSTA, J. Bebês, lugar, espaço e território: um olhar cartográfico. In: FERNANDES, M. L. B.; LOPES, J. J. M.; TEBET, G. G. de C. **Geografia das Crianças, dos Jovens e das Família**. Brasília: Universidade de Brasília, 2021. p. 80-110.

TEIXEIRA, E. P.; FERREIRA, J. B. Desvios posturais em estudantes brasileiros: uma revisão de Literatura. **Cenas Educacionais**, v.2, n.1, p.81-106, 2019.

TREVISAN, G. de P. A participação das crianças nos discursos e práticas: um breve “estado da arte” na procura de novos desafios. In: SARMENTO, M. J.; FERNANDES, N.; SIQUEIRA, R. M. **A defesa do direito da criança: uma luta sem fronteiras**. Goiânia: Cênone Editorial, 2020. p. 129-148.

TRIVINÕS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo, Atlas, 1987.

VOLTARELLI, M. A. Da margem ao centro: a visibilidade das crianças sul americanas nos estudos da infância. **Serviço Social em Debate**, v.3, n.1, 2021.

VOLTARELLI, M. A.; BARBOSA, Etienne B. L. Experienciar e expressar: as linguagens infantis na relação com a arte. **Revista em Aberto - INEP**, v.34, p.27-44, 2021.

VOSGERAU, R.; SANT'ANNA D.; PAULIN, R. J. Estudos de revisão: conceituais e metodológicos. **Revista Diálogo Educacional**, v.14, n.41, p.165-189, 2014.

WIGGERS, I. D. **Corpos desenhados: olhares de crianças de Brasília através da escola e da mídia**. 2003. 210f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.